

## ODISSEIA NOS CÉUS DO NIASSA!..

### Atribuições de um Reconhecimento Aéreo

Por aquelas esquecidas e remotas paragens do Niassa (por onde, por certo, não passou o Criador ou, se alguma vez o fez, nunca lá depois mandou os ... fiscais!... nem sequer o pobre Caim, durante a pesada penitência a que foi sujeito na sua extensa e prolongada errância terrena!...), contabilizava-se, com aceitável “normalidade”, mais um dia quente!



Nos amplos confins de Sanga, entre terras de Moola e Lulimbo, PAUILA, depois de almoço, repousava gostosamente numa tranquila e contagiante quietude, pesada modorra e entorpecedora sonolência!

O pessoal guerreiro, depois de ter “ingerido” (sabe Deus com que custo!...) mais um insípido e desenhado “arroz com salsichas” – que no dizer do (bracarense) furriel Oliveira (o . Vagomestre, claro!...), até estava muito agradável e saboroso!... -, encontrava-se recolhido e descansando, repartido entre as casernas e a “Sala do Soldado”.

Na messe de Sargentos, alguns deles no seu flat, “estirados” nas suas desconfortáveis camas metálicas, descansavam, ouvindo música e relendo as “últimas” cá da Metrópole; outros, mais “folgados”, à aprazível e acolhedora sombra do seu parrot jogavam às copas, enquanto o “Fafe” lhes ia aviando uns cafés, acabadinhos de “tirar”!

E o jogo, na realidade, estava a decorrer bastante acalorado !...

- *Então tu deitas-me assim o ás? respiga, para o seu parceiro, o furriel Quintas (esse incontornável portuense dos sete costados!), que não era nada de fofas e fervia em pouca água!!! – bem se vê que em Lisboa não se percebe nada disto!...*

- *Que é que tu queres ? ... pensei que já não havia “trunfos”!* responde com a sua conhecida calma e habitual ponderação, fitando o seu parceiro, o (alfacinha do Bairro Alto) furriel Lopes - *até parece que nunca te enganas!...*

- *Isso é a primeira coisa que se aprende, porra ! atalha o Quintas - a contagem dos trunfos e das copas que saem é o mínimo que se exige a um principiante! Aqui não pode haver enganos!... estou é a jogar “com a manca”!...*

Os seus adversários (furriéis: Matos e T. Costa), a ganhar folgadoamente, olhavam um para o outro e, sorrindo, lançam mais “veneno”:

- *Realmente são muito fraquinhos!... Pensei que ofereceriam mais resistência!... que tinham aprendido mais alguma coisa desde a última vez!...* diz, provocador, o (homem “da ferrugem”) furriel Matos!

- *Eu também pensei ! Mas isto assim, francamente, é “como quem dá em mortos”!* confirma, com ar de gozo, o furriel Tavares da Costa, olhando para a assistência que já os rodeava, onde pontificavam com alguns alegres e pertinentes dichotes os furriéis: Henriques, Silva, Dimas e Macedo, a quem acabavam de juntar-se o 1º Sargento (flaviense) Modesto Magalhães e o (sadino) Sargento Aníbal Sousa.

Mais atrás, o furriel Oliveira, nervoso, impaciente e “alheio”, coçava a cabeça e puxava cigarro atrás de cigarro!... Olhava de vez em quando para o “jogo”, mas bem se via que não estava “ali” a sua atenção !...

[O pessoal ao almoço, no refeitório, tinha feito um certo barulho, com um irritante “bater de pratos”, e mandado umas “bocas” que não o deixaram nada satisfeito!...]

Embora não sendo nada de grave, aquelas “coisas” magoavam-no. Ele, que tão sensível e cordato sempre procurava dar o seu melhor à rapaziada, não conseguia entender aquelas manifestações de desagrado. Enfim!... Razões que a razão ... desconhece!...

[nessa altura, e não conseguindo vislumbrar porque “carga d’água”, veio-lhe ao pensamento a conhecida “frase” de um velho ditador europeu – recentemente falecido, mas já “fora de jogo” desde Setembro de 1968 !... - : “SE SOUBESSEM O QUE CUSTA MANDAR, OBEDECERIAM TODA A VIDA !...]

E ficou a magicar, por largo tempo, naquele tenebroso, pungente e malfadado pensamento!...

No parrot dos Oficiais, acompanhando um saboroso café - altamente “caprichado”, como era habitual, pelo delicado e sempre desconcertante Costinha – com uma agradável e deliciosa aguardente minhota, servida naqueles inconfundíveis copos esverdeados, jogava-se (bem “escanadinha”!...) mais uma divertida, belicosa, participada e sempre aguerrida “suecada”!

Eu e o alferes (médico) Martins Ferreira formávamos dupla contra o capitão Rocha e o alferes Carvalho.

O “Oficial de Dia” era o intrépido e afável oliveirense (Chequinha de fresco!...) alferes Figueiredo, e “Sargento de Dia” o furriel Josefa (“Peninha”!!!... para os amigos), alegre e jovial ribatejano (de Rossio ao Sul do Tejo) e homem forte das Transmissões de Pauila !

A “suecada” estava realmente a ser disputadíssima, levando nós uma ligeira vantagem sobre os nossos (estimáveis e “sabidos”) contendores – que, afogueados, já “bufavam” e rezingavam um com o outro!...

- *Então deitas-me assim a “manilha” sem o ás ter saído? Onde é que aprendeste a jogar? Bem se vê que lá para trás da serra não se “pesca” nada disto!... “soltava” o capitão Rocha, inconformado, para o seu parceiro – nado e criado para lá dos contrafortes da Serra da Estrela!... (em terras da Beira Baixa!...).*

- *Pensei que o Meira estava (como é seu costume...) mais uma vez a fazer bluff... e tinha feito a “passagem”!... Mas já reparou que, se passa, você ia-lhe apanhar o ás?... atalha o alferes Carvalho, procurando justificar a sua primária e indesculpável asneira!...*

- *Qual bluff, qual carapuça!... diz-lhe o capitão!... – presta é mais atenção!... senão, para a próxima, vais emparceirar com o “Mister Jones” ou com o Francisco Matola!... Sem desprimor para eles, obviamente!...*

O Costinha, do lado, tocava (insistentemente) no ombro do alferes Figueiredo, como que incentivando-o a “entrar” com o alferes Carvalho, ao que este, fazendo jus à sua ávida e sedenta vertente provocatória, anuindo, “disparou”:

- *Eu penso que é essa tua farta, abundante e beatleana cabeleira - tipo capim do Parque Auto - que te não deixa ver bem as cartas, Carvalho!... Tens de falar com o Fontes, para te “aparar” essa trunfa!... atira para o ar, em jeito de piropo lareiro, o alferes Figueiredo!... nem por sombras imaginando no terrível vespeiro em que se estava a meter!...*

[O que tu foste fazer, ... Figueiredo!...]

- *Mas a conversa já chegou à malcheirosa e nauseabunda naftalina? E desde quando é que a um imberbe, desprezível e rastejante “Checa” foi dada permissão para olhar de frente e se dirigir em tão torpes e soezes termos (e sem a vénia devida) à “velhice”, metendo-se levianamente em assuntos para os quais não foi chamado? Lembra-te que ainda cá te encontras com contrato a prazo e à “experiência”, ouviste? Põe-te a pau!... e não deixes de consultar, com o dicionário sempre à mão, as NEP’s!... respiga nervoso o Carvalho, mas já a “jogar” também para a farta plateia!...*

Embora a verdadeira causa desta acrescida irritação do alferes Carvalho não estivesse “ali” no jogo (como mais à frente veremos), os ânimos começavam a ficar ligeiramente exaltados.

- *Não se “exalterem”!?... Tenham lá calma! Vocês hoje (et par cause!...) não se podem enervar, Ok?... atira para o ar, serena e pausadamente (como era, de resto, seu timbre), para acalmar os ânimos, o alferes António Araújo, esse impagável alfacinha (dos Olivais), até aí entretido a datar, ordenar e catalogar as largas dezenas (senão mesmo centenas!...) de cartas recebidas (dos quatro cantos do mundo!...) de namoradas e “madrinhas de guerra”, onde as brasileiras tinham uma extensa, diversificada e “calorosa” participação!...*

[De Belém (do Pará) a Porto Alegre (no Rio Grande do Sul), de Fortaleza a Brasília, passando por S. Luís do Maranhão, S. Salvador da Baía (havia uma insinuante baiana, que se dizia (saiba-se lá porquê!...) levemente “aparentada” com o insigne e egrégio autor de (entre outras obras primas) “Subterrâneos da Liberdade e “Capitães de Areia!”...), S. Jorge de Ilhéus, Recife, Belo Horizonte, Petrópolis, Campinas, enfim!... era um não mais acabar de quentes e provocantes “canarinhas”, a que se vinham juntar as dengosas e suculentas “paulistas”, mai’las inefáveis e ardentes “cariocas” do Rio (nadas e “recriadas” nos bairros chiques de Ipanema, Mangueira, Leblon e Botafogo!...).

E para que nada faltasse nesse seu eficiente, apelativo e organizado arquivo, tinha-o então equipado com uma inenarrável parafernália dos mais variados “apetrechos”: marcadores (de múltiplas cores), agrafadores (pequenos e médios), datadores e variados carimbos (“Pessoal”, “Duplicado”, “Recebido em...”, “Respondido em...”, “Arquive-se”!... , etc., etc.,) enfim!... um não mais acabar de “artilharia pesada” (de escritório!...), ou não fosse o alferes António Araújo um homem ... das “Operações Especiais”!...]

Nestes “entretantos” nos encontrávamos, quando fomos interpelados :

- *Meu capitão!... Meu capitão!... dá-me licença?* diz o Durães (o famoso “homem da bazuca”), sorrindo, ao chegar ao nosso parrot, ... *Meu capitão!...isto, assim, não pode ser!... Tem de mandar o nosso furriel “Gadomestre” para o mato!...*

- *Para o mato? Então porquê, Durães ?* diz, algo curioso, o capitão Rocha.

- *Meu capitão, com uma comida destas, estou-me a ir abaixo!... estou a perder a peitanga!...daqui a pouco já nem com a “bazuca” posso !... E o culpado, sabe quem é? É o furriel Oliveira!... Esta comida não nos dá forças!... e nós, para estarmos “em forma”, temos de “encher a malvada” mas com coisa que se veja e que alimente!... Esta comida nem para “básico do arame farpado!”... Ali o meu amigo “Falseta” pode confirmá-lo!... “atira”, convincente, o Durães!...*

O Rocha (Falseta!) que, conivente, se mantinha a uma certa distância a “ver no que paravam as modas”, ao ouvir as palavras do Durães e ao certificar-se de que o capitão Rocha estava de bom humor... (não fosse o diabo tecê-las!...) acerca-se do nosso parrot e, claro, vem em ajuda do seu grande amigo!...

- *Não é verdade, Rocha ?* pergunta-lhe o Durães, aguardando apoio... - *uma comida destas deita a peitanga abaixo a um home!...*

- *É verdade, meu capitão!...* concorda o Rocha (“Falseta”), ajudando à missa !... - *esta comida, ainda por cima tantas vezes repetida, como dizem lá na minha terra “não puxa carroça!”... E o pessoal, para “aguentar” a dureza e as agruras desta maldita guerra, e dar melhor rendimento, tem de estar em forma!...*

Os “condutores”: Xico Lourenço (alentejano de Beja), Olímpio Miranda (conhecido por “Paço d’Arcos”) e o (sanjoanense) Manuel de Jesus Sousa, que por ali passavam vindos do “Solar dos Mainatos”..., ao ouvir aquelas justas “reivindicações” do Durães e do Falseta logo encontraram motivo para exprimir também o seu desagrado e, abeirando-se do nosso parrot, confirmaram:

- *É verdade, meu capitão!...* diz o Olímpio Miranda, mais desenrascado e mais afoito!... – *nós confirmamos tudo quanto o Falseta está dizendo!...* e virando-se para os outros dois “condutores”, interroga-os: - *não é verdade?...* esperando também a sua “achega”.

- *É a mais pura verdade, sim senhor, meu capitão!...* responderam em conjunto o Xico Lourenço e o Jesus Sousa.

- *‘Tá a ver, meu capitão! – ‘Tá a ver como tenho razão! –* volta à carga o Durães, agradado com aquelas preciosas ajudas !...

- *Tá bem! Tá bem!... Vocês são é uns grandes líricos!... Para manterem a forma e não afectarem a peitanga têm é que ... começar a dar mais folga à ... “ Maria da Palma”!... Vão-se lá embora!... Logo falo com o Oliveira, a ver o que se passa!...* respondeu o capitão Rocha.

- *Mas, por favor, não se esqueça!* – volta a insistir o Durães, com aquele seu jovial e

inconfundível risinho de “menino” – *Se bem que uns dias de mato não fizessem nada mal ao nosso furriel Oliveira, que está a ficar um bocado pesado!*!...

- *E para ver, também, “o que é bom p’rá tosse !”*... acrescentou o Falseta.

E lá seguiram os cinco, virando à direita no flat dos oficiais, com grande e fraternal cumplicidade, rumo à “Sala do Soldado”, ali junto ao Depósito de Géneros, à porta do qual se encontravam o 1º cabo Fernandes (seu responsável), o 1º cabo Veloso Dias (o “Russo” - corneteiro de Ponte da Barca), o Arouca e o Luís padeiro, falando das “últimas” do futebol Luso.

Daí a pouco, no remanso daquela imensa quietude e profunda calma de PAUILA, começa-se a ouvir, em andamento crescendo (tipo “allegro moderato” – como diz o meu amigo italiano!...) uma “ária” (já velha-conhecida, de resto, do pessoal...) a muitas e variadas vozes, tão “desalinhada” quanto desafinada, visando um “identificado” destinatário!...

**PAUILA, LINDA PAUILA,**

JÁ NINGUÉM DORME,  
AQUI A MALTA SÓ ANDA,  
COM A BARRIGA, CHEIA DE FOME!...  
TENTA VER  
EM CADA FIM DE MÊS,  
DINHEIRO  
QUE NÃO SOBEEEEJA!...  
ELE VAI  
P’RÁ CANTINA OUTRA VEZ,  
P’RA TABACO  
E P’RA CERVEJAAAAAAAA!....  
.....

O “ GA-DO-MES-TRE”,  
JÁ ESTÁ NO RÓ-ÓÓÓL !  
É U-MA PÉS-TE,  
A JOGAR O FUTEBÓÓÓÓÓOOL !  
TEM A MANIA  
QUE É BOM JOGADOR,  
MAS, AFINAL  
É UM GRANDE “LADRÃO” !  
NO DESCANSO,  
LÁ COME UNS BIFITOS,  
ENQUANTO À MALTA  
SÓ DÁ ARROZ COM FEIJÃO !!!

BIS .....

BIS .....

Ao nosso parrot chegava-nos, já em surdina, aquela grande e “colorida” lenga-lenga, arrastada e dolente, como que com solene acompanhamento e a grande instrumental !...

- *Estão a “meter-se”, mais uma vez, com o Oliveira!*!... – comenta o alferes Araújo.

- *Mais uma anti “365”!*!... corroboro eu. - *Penso que o Oliveira, para se “limpar”, tem de “servir” qualquer dia aí à rapaziada um “Bacalhau à Narcisa”!*!... *Por um lado para acalmar os ânimos e, por outro, para dar a conhecer o verdadeiro ex-libris da sua terra natal !*!...

- *E acompanhado do indispensável (e verdasco) carrascão!...pensa em voz alta o Costinha!...*

[como que ... “salivando”!... ao recordar e imaginar aquele inesquecível bacalhau,... com batata às rodelas... e com a respectiva (e levemente avinhada) cebolada!... lídimo representante das mais sublimes e requintadas riquezas gastronómicas da cidade dos ... arcebispos!...]

- *Capitão!... não se esqueça que logo temos o reconhecimento aéreo!* - lembra o alferes Carvalho, como que procurando alertar (ainda que a contragosto...) para o compromisso assumido com o pessoal da Força Aérea, aprazado para essa mesma tarde, e que lhe estava a fazer umas boas “dores de cabeça”!...

- *Não!... Não me esqueci, Carvalho!...podes estar descansado!... vai-te é mentalizando! Não podes dar parte de fraco!... não achas, Meira ?* interpela-me o capitão Rocha.

- *Claro!* respondi eu (entrando na “dança”), e procurando manter um ar sério... – *até porque não se pode ir conspurcar o Dornier!... Já viram, amanhã, no AM61 em Vila Cabral e, depois em toda a cidade e arredores, a malta a rir-se de «um tal alferes de Pauila» que foi para o DO “chamar pelo Gregório”, ao fazer um simples reconhecimento aéreo?...la ser, por certo, o fim da picada!...*

- *Até o Sr. brigadeiro (Lopes da Eira) se ia rir da malta de Pauila!... E isso, é que nós não podemos permitir!* ... alvitra do lado o alferes Figueiredo, sabendo das “relações” nada amistosas, diga-se em abono da verdade, do Sr. comandante de Sector com a malta de PAUILA !... (saiba-se lá porquê!...).

- *Vocês não têm nenhuma confiança no rapaz!*... diz o alferes Araújo. – *Ele que tanto se tem esforçado e treinado ali naquele avião estacionado junto ao arame farpado!... Há imensos dias que não faz outra coisa!...*

- *Também tu?* - respiga o Carvalho. *Tu serás o último a falar!... Lembra-te que eu conheço cá um bacano dum senhor alferes que no Vera Cruz, durante o almoço no salão de 1ª classe, “chamou bem alto ao Gregório”!... perante todo aquele maralha!... ou já te não recordas?* Ataca o alferes Carvalho, dando certoiro troco à provocação do Araújo.

[recordando aquele inaudito e caricato episódio passado na faustosa Sala de Jantar do VERA CRUZ, na mesa dos alferes de PAUILA, aquando da nossa ida para Moçambique, quando num certo dia, ao almoço, nos encontrávamos sentados à mesa, o alferes Araújo, indisposto com o balancear do barco (com o seu restrito depósito bucal inchado, quase a rebentar pelas costuras e prestes a explodir!...) olhou para um lado e para o outro e, vendo o chão a brilhar e tão limpinho... regurgitou (sonora e “melodiosamente!”...) para o seu... prato!... tudo aquilo que até então tinha “ingerido” e, quando o nosso sorridente e sempre tão prestável “garçon” Vieirinha (de seu nome e “larila”, por sinal!.....) chegou à nossa mesa, depois de uma rápida deambulação pela sala, trauteando umas árias (no mínimo...) esquisitas,... ao olhar para o prato do Sr. alferes Araújo lançou um: ... - “Ai ... que horror!”... e desapareceu!... sem deixar rasto!... enquanto no centro da majestosa Sala, indiferente a estas coisas “menores”, a “nossa” notável (e enxuta sexagenária...) pianista – remirada à sucapa, de quando em vez, pelo senhor Comandante de Bandeira e responsáveis primeiros dos Batalhões – embalada pelos mais belos e sublimes laivos da “Divina Arte”, “atacava” com notável inspiração e extravagante mestria mais uma nova, melodiosa e encantadora sonata de Mozart (o emérito compositor salzburguense), com que sempre deliciava aquele grande, multifacetado, exigente e sempre participativo auditório!...].

- *Garanto-vos que não vai ter essa “alegria”, não senhor!*... diz, enérgico, o alferes (médico) Martins Ferreira ... - *temos ali umas pastilhas ótimas para o enjoo! Vais-te portar bem, vais ver! E podes tomá-las já!*...

Saiu do nosso parrot e, andando meia dúzia de metros, entrou na “enfermaria”, quase em frente, “encastrada” entre a cozinha (do “Terrinas”) e a Secretaria, de lá saindo, daí a pouco, com uma embalagem, no interior da qual vinham as milagrosas pastilhas do enjoo, seguido de perto pelo 1º cabo enfermeiro Manuel Soares (certeiraamente apelidado de “Bocas!” ...) que a todo o custo queria saber quem é que ... andava com os ... enjoos!...

- *E posso tomá-las com “Água de Lisboa” ?* pergunta-lhe o alferes Carvalho.

- *Não, não, meu menino!... nem penses nisso!... vais tomá-las com água fresquinha, que te*

vai fazer muito bem ! – responde-lhe o Martins Ferreira.

- E, assim, Carvalho, com um tiro matas dois coelhos!...Dás cabo dos enjoos e reforças o “capim do parque auto”!... – sai-se, mais uma vez, provocador, o alferes Figueiredo, “metendo veneno” e piscando p’rá plateia!...

- Lá vem este gajo outra vez!... respiga, enervado e corando, o Carvalho... - --- da-se!... Mas alguém te encomendou alguma coisa?...

- Não, não!... Desculpa lá, só estava a querer ajudar, a brincar contigo!... a ver se te punha mais calmo, para logo à tarde, mas, afinal, vejo que não resultou!... Desculpa lá!... justifica-se o alferes Figueiredo, “avermelhando-se” também!...

(era, de resto, este alferes Checa, muito atreito a estas súbitas mutações dérmicas!...)

- Também penso não haver razão para te estares a enervar, Carvalho!... disparo eu do lado, procurando serenar os ânimos, mas ... ajudando à missa!... - o Figueiredo só está, na minha modesta opinião e se bem ajuízo, com a melhor das intenções a aconselhar-te e a constatar um facto que ultimamente tem vindo a lume junto da comunidade médica!... e que já tem sido, de resto, tema de várias teses de doutoramento nas nossas faculdades de medicina: “A INFLUÊNCIA E CONTRIBUIÇÃO DA PASTILHA DO ENJOO NO ATAQUE À CASPA E À QUEDA DO CABELO”!... - Tal como há muitos anos, junto da mesma comunidade, uma tese que no declinar dos anos 50 tanta celeuma deu também, muito falada na altura: “A INFLUÊNCIA DA BATATA NA GUERRA DA COREIA”!... não me digam que não se recordam!... Não é verdade, doutor?... terminei eu!...

No topo da mesa, o capitão Rocha e, a seu lado, o dr. Martins Ferreira, soltaram uma forte e estrondosa gargalhada e “lançaram” em unísono:

- VOCÊS ESTÃO É TODOS “APANHADOS”!...

Entretanto, para os lados do parrot dos Sargentos, o furriel Oliveira, não estava a achar graça nenhuma ao “coro” que vinha da Sala do Soldado”, e que ecoava, sonoro, por todo o amplo e aberto “Centro Cívico” de Pauila !... Já com inúmeros “BIS” !...

- Pois é!... O nosso capitão dá-lhes confiança, e, depois, é isto !... comentava o furriel Oliveira, arfante, “sorvendo”, nervoso e impaciente, cigarro atrás de cigarro!...

- Oh Oliveira, não lígues!... atira para o tecto!... não vês que o pessoal está a ficar um pouco “apanhado”? Convenhamos, no entanto, que o raio do “365” também não ajuda mesmo nada, pá !... Vê se vais alterando as ementas!... comentou do lado o furriel Josefa, hoje, por sinal, “Sargento de Dia”!

- Eu também acho, Oliveira!... diz o (sempre tão caladinho) furriel Dimas.

- E com a sua fértil e prodigiosa imaginação passa de: “arroz com salsichas” para “salsichas com arroz”, não? ironizou com o seu olhar baixo, de soslaio e a voz grossa de puro e duro transmontano, retesando todos os músculos o (hermético e pouco expansivo) furriel Afonso...

- Isso é muito bom de dizer!... Vocês deviam estar no meu lugar!... – refere, algo apreensivo o furriel Oliveira, continuando a tirar mais umas nervosas e profundas fumaças, que lançava ao ar, pensativo e acabrunhado!...

- Ainda ontem no início da tarde, ao passar ali na messe de oficiais, o nosso capitão me chamou, a ver o que é que o pessoal ia comer à noite. Disse-lhe que tinha-mos um peixinho ... muito bom... Sabem o que é que ele me respondeu?

- Óh Oliveira, ... e o peixinho está mesmo bom?...

- Está, está, meu capitão! ... respondi eu.

[todo satisfeito, ... antevendo já a possibilidade de ... se ver livre (!) daquele “remeloso” peixe vermelho!... acrescento eu!...]

- E tem em quantidade para todo o pessoal?...

- *Tenho, tenho, meu capitão!... até podem repetir!... Pode estar descansado!...*

- *Então, olhe ... se ele está mesmo bom ... e em quantidade, ... Faça ... CARNE !!!*

[Como fácil é de adivinhar, ao Oliveira, caíram-lhe os “ditos” ao chão!... ]

- *E, depois, eu é que pago as favas, e oiço a puta da cantilena!... Foda-se!...*rematou por fim ... e desapareceu, refugiando-se no flat de Sargentos.

Daí a minutos aparecem no “nosso” parrot dois homens das Transmissões: o Manuel Cunha e o Luís Lusquiños.

- *Meu capitão, pode chegar, por favor, à nossa “central”?* diz, com a delicadeza habitual e a sua voz muito suave, o Lusquiños – o “operador” de serviço.

- *É do AM61 de Vila Cabral, meu capitão!...* concluiu o Cunha.

- *Ah! São os camaradas da Força Aérea, que vêm fazer o reconhecimento!* comenta o capitão Rocha! – *Não me digas que vão adiar e que já não pode ser hoje!...* e lá seguiu apressado para as “Transmissões”, seguido de perto por aqueles dois, quase chocando, à entrada, com o Silva de Valença (esse intrépido benfiquista!), o Dinis (o “loirinho”- de Ribeira de Pena), o (célebre hoquista) Joel e o (ilustre pirotécnico) Silvita de Viana do Castelo, que de lá saíam em franca e amena cavaqueira, depois de atazanarem (lá dentro) a cabeça ao “Alvezes”!...

Daí a poucos minutos reaparece o capitão, soltando, com denotado prazer:

- *Carvalhinho, estás com sorte!... Vais ver, hoje mesmo, Paula do ar!... Vamos lá acabar o jogo pois, daqui a uma hora e picos, deverão cá chegar. Temos de rever e analisar o “mapa” e , claro, de estar preparados quando chegarem!...*

Passada uma boa meia hora, a velhinha “CHU-CHU” fez-se ouvir, com a sua inconfundível (grave e rouca) voz, para “formar” a Companhia.

Daí a momentos...

- *Atenção!... Companhia: Firme ! S’etup !!! Dá licença, meu capitão: Companhia pronta! - “berra” lá ao fundo, todo empertigado o alferes Figueiredo.*

- *Manda capinar !!!* responde o capitão.

- *Pessoal!... Vamos dar continuidade aos trabalhos desta manhã, Ok?*

- *Companhia: direita (volv) ’er!!!... destroçar!!!*

- *Josefa!... acompanhe, por favor, o pessoal ao local onde ficaram da parte da manhã! Que limpem até à saída para Macaloge! Eu passo lá daqui a pouco! Levantem as catanas junto do Fontes, na arrecadação, OK?* - diz o alferes Figueiredo.

E lá seguiu o pessoal para os local aprazado, após terem “levantado” na dita arrecadação o respectivo “material cortante” !...

Entretanto, no parrot dos oficiais, era um frenesim!...

O alferes Carvalho, embora o tentasse a todo o custo dissimular, estava visivelmente nervoso!... Não que tivesse medo! Nada disso! Este intrépido beirão (dalém Estrela) não era homem de medos!... Mas, agora que se aproximava a hora, aquele “passeio aéreo” não o estava a deixar nada “animado”! Sentia uns fortes arrepios “espinha” abaixo, que tanto o estavam a inquietar!... Ele que, de início, tão eufórico se mostrou com a prometida “voltinha” de reconhecimento!...

Ainda por cima, aquela “gozação” do alferes Figueiredo (muito bem acolitado, de resto, pelos restantes “Compagnons de Route”!...), tinha-o deixado excitado e nervoso!...

- *Carvalho! Estás preparado para a nossa voltinha, não é verdade?* digo-lhe eu, procurando

acalmá-lo, mas constatando que não estava nada tranquilo...

- *Óh Meira, não será melhor o alferes Carvalho (como quem não quer a coisa...) levar um saco plástico, assim como que para o que “der e vier”?* interpela-me, provocador, o capitão Rocha!

- *Penso que sim, até porque estamos – graças aos prestimosos e eficientes serviços de “lavandaria” do “Mr. Jones”! – tão vestidinhos de fresco que não nos podemos sujar!... aquiesci eu, “entrando” de fininho!...*

- *Vocês estão tão preocupados comigo mas, se calhar, quem vai precisar de sacos plásticos certamente vão ser vocês!..* responde, o alferes Carvalho, procurando aparentar uma calma e uma tranquilidade que efectivamente não tinha!...

Seguidamente reunimos no “comando”, para efectuar uma consulta, bastante criteriosa, ao mapa da zona que íamos “reconhecer”. Estava agendada para dali a uns tempos uma acção nessa região, razão justificativa desta nossa acção.

Tomadas as devidas notas e levantadas as mais diversas questões para as quais tentámos efectuar o enquadramento dos mais diversos “cenários”, demos por finda a reunião, dirigindo-nos para o nosso parrot, aí aguardando, nas calmas e já devidamente preparados, o pessoal da Força Aérea.

Passado pouco tempo, uma sentinela de um dos postos altos lançou aos quatro ventos aquele inconfundível e conhecido grito: AVIÃO!... que ecoou sonoro, por toda a Pauila e arredores!...

Estava aí a chegar, pois, o pessoal da Força Aérea!...

Começámos então a ouvir o inconfundível ronronar do DORNIER que, passando por cima do aquartelamento, um pouco à frente curvou à sua esquerda e, lá ao fundo, fez-se à pista, estacionando, a breve trecho, junto ao “cais de embarque”!....

De lá se apearam os seus (dois) ocupantes: o alferes piloto (Gaspar) e o 1º cabo mecânico (Fonseca) que, como habitualmente, foram recebidos com a habitual fidalguia e delicadeza das gentes de PAUILA.

Seguiu-se um pequeno briefing onde, através dos mapas, assinalámos os principais pontos de referência e os locais a sobrevoar.

Seguiram-se umas bebidas frescas no nosso “parrot” e, como o tempo urgia, havia que “largar”!...

- *Quem nos vai acompanhar, meu capitão?* perguntou o alferes piloto, enquanto o 1º cabo mecânico seguia à frente para nos franquear o acesso ao aparelho.

- *Vou eu, e os alferes Carvalho e Meira,* respondeu o capitão Rocha.

- *OK!..vamos lá embora!...* diz o alferes piloto.

Devidamente armados e equipados, despedimo-nos do “pessoal” (em brava algazarra!...) e começámos a dirigir-nos para a aeronave, seguindo de perto o piloto.

Ao meu lado, o alferes Carvalho inspirava e expirava lentamente, como que a conferir e a acertar as “agulhas”!...

- *Algum de vocês enjoa?...* inquiriu o piloto - não se dando conta na “paragem” momentânea que essa simples pergunta provocou no alferes Carvalho!...

- *Não, não!...Já toda a gente andou no “poço da morte”!... não é verdade, Meira e Carvalho?...* diz, sorrindo, o capitão Rocha.

- *Avancemos sem medos! É tudo pessoal “desenjoado”!...* respondi eu, embora também já sentindo uns certos suores frios!...

O Carvalho, ligeiramente “descorado”, nem falou!... limitou-se a levantar o polegar direito para

cima, como que a dizer: TUDO OK !...

[enquanto lá com os seus botões ia pensando baixinho: “ - da-se!... Se me vejo livre desta... nunca mais sou voluntário para nada!...mas, agora, não posso dar parte de fraco!...aguenta-te Carvalhinho!”...]

Bem ... mas ... avancemos

[Não sei se alguma vez tiveram o “prazer” de voar naqueles famigerados aviões (comodidade ZERO!...), contemporâneos da guerra da Coreia!... da nossa distinta, aguerrida e destemida Força Aérea!...Sim!... é que para voar em algumas das tais máquinas voadoras era necessário ser mesmo muito temerário e destemido!... ].

Entrámos na aeronave e acomodamo-nos como pudemos, por entre umas baloiçantes cadeiras e suspensos barços aos quadradinhos!... que ornavam a parte lateral/interior da fuselagem daquela incrível e velha traquitana!... aos quais nos “agarrámos” ... de imediato e sem demora!...

O piloto, olhando-nos pelo “retrovisor”, fez-nos sinal com o polegar direito para cima, como que querendo saber se estava tudo OK.

O capitão Rocha respondeu de imediato, imitando-lhe o gesto.

O alferes Gaspar ligou o motor e, num relance, consultou toda aquela infinidade de manómetros e ponteiros, conferindo (?) se tudo se encontrava na devida ordem; depois de obter o máximo de rotações, “disparámos” em direcção do fundo da pista. Eu e o Carvalho que ainda não estávamos bem “agarrados”, demos logo um encontrão (um contra o outro!...), mas lá nos aguentámos no balanço!!... Ao capitão Rocha valeu-lhe ir junto ao piloto e bem agarrado à sua cadeira, a dar-lhe umas indicações!...

.Já seguíamos a boa altura quando foi recolhido o trem de aterragem. Curvámos então à esquerda, passando já a razoável altura, entre o nosso aquartelamento (donde despontavam os abrigos altos) e o local onde íamos à água – naquela descida, na saída para Macaloge.

Seguimos, depois de ultrapassada a picada de Olivença, em direcção àquele morro onde nas datas sensíveis [Natal, Páscoa, 25 de Setembro (dia da Frelimo – para quem se não recordar!...)] costumávamos montar “guarda”. Lembram-se? Por certo que sim, principalmente os “felizes contemplados” com tais apetecíveis veraneios!?

À nossa esquerda podiam-se ver os leitos quase secos dos rios Lulimbo e, mais à frente, do Metube, nossos velhos conhecidos de outras andanças; um pouco descaído para a esquerda divisávamos ainda e para cá do leito do Rio Moola, a imensidão de palmeiras, junto à zona do Lago, perto da qual o “meu Grupo” construiu uma ponte, recordam-se? A “Ponte dos Tigres”!...

[a mesma à qual o 4º Grupo (do alferes Carvalho) “contrapôs” a sua famigerada Ponte (de “Sequeiro”!?) dos Águias!... Recordam-se?..]

A uma altura razoável para evitar quaisquer surpresas, contornamos o dito morro e seguimos um pouco em frente, de onde já se divisavam, nos confins do horizonte, terras de Valadim, perdidas naquela imensidão verde-fogo!...

- *Alferes Gaspar, vamos descer mais um bocadinho para ver o terreno junto àquele morro à esquerda?* diz ao piloto o capitão Rocha.

- *É para já, meu capitão!* responde o piloto.

E, curvando à esquerda, descemos um pouco, aproximando-nos do morro “Micoto”, em cujo sopé, através de umas clareiras junto a uma linha de água (onde as árvores, por motivos óbvios, apresentavam uma coloração acentuadamente verde-escuro) pudemos ver uma ou outra palhota dissimulada, assim como uma pequena machamba; o piloto, para uma melhor observação, ia zigzagueando, seguindo as instruções do capitão Rocha que, de mapa na mão, nele ia assinalando e anotando pontos de referência.

Entretanto, o capitão virou-se para trás e apercebeu-se de que o alferes Carvalho não ia a “apreciar” lá muito bem a paisagem, e que, muito amarelo, lhe deitou um rápido e furtivo olhar,

fechando os olhos seguidamente, como que procurando abstrair-se das curvas e contracurvas daquela esquisita e malfadada geringonça!... que estavam quase a ... virar-lhe as ... tripas ... do avêssol!...

- *Meira, põe-te a pau que esse gajo vai-nos sujar a farda!...* diz-me o capitão Rocha, meneando a cabeça, sorridente, na direcção do alferes Carvalho !...

- *Não vai nada!... os treinos no avião estacionado em Pauila deram-lhe um grande "background" para aguentar todas estas andanças!...* condescendi eu, procurando dar ânimo ao Carvalho!...

Este olhou então para mim, muito amarelo, e lá se agarrou com mais força aos esquisitos baraços aos quadradinhos daquela velha carcaça voadora, que nenhuma estabilidade nos davam, certamente a pensar com os seus botões:

[ - ---- *da-se!.... Se me vejo livre desta, no chão e em terra firme, nunca mais me apanham!... Nem contem comigo para mais reconhecimentos aéreos!...e, então, em caranguejolas destas é que nunca mais !...* ]

Olhei-o então com mais cuidado e vi que, na realidade, ia bastante enjoado e já como que a ensaiar uns princípios de "vómito"!...

- *Aguenta firme, camarada!... Não podemos dar parte de fracos!... Lembra-te das repercussões adversas que tudo isto pode ter para o nosso bom nome, em Vila Cabral!... Mas, à cautela, será melhor pões o saco de plástico à mão!...* disse-lhe, e mantive-me à sua beira, para o não desmoralizar, mas já estava a ver-me "levar" com uns restos de arroz com salsichas do almoço!...

E, por simpatia, estava já eu quase também a entrar em "pane"!...

Apelando, no entanto, a todas as minhas forças, lá me consegui manter firme, a pensar em gelados,... nuns finos com tremoços e em muitas outras coisas fresquinhas!... que muito me ajudaram.

Entretanto, o piloto a instâncias do capitão Rocha lá seguia curvando para a esquerda e para a direita, subindo e descendo! ...

Fomos curvando então à esquerda e seguíamos em direcção à "fronteira", começando a divisar os "Altos do Mazoco" e, mais lá ao longe, o Rio Rovuma!...

[Ao Carvalho, cada minuto (daquelas incríveis e serpenteantes guinadelas...) pareciam horas de terrível e louca acrobacia!... ]

- *Agora além, vamos contornar àquele morro!* gritava para o piloto o capitão Rocha.

E o piloto acelerava mais um pouco, e descia gradualmente até onde a segurança aconselhava.

Então, com estas curvas à esquerda e à direita, subidas, descidas e acelerações, é que o alferes Carvalho mais amarelo ficava!...

« ...

E foi num destes momentos de rara (e contida) aflição que o nosso amigo Carvalho, com uma forte indisposição e já com a alma quase entregue ao Criador, numa voz plangente e impetrante, se dirige ao alferes piloto ...

- *SENHOR PILOTO!... POR FAVOR,... VÁ... VÁ... MAIS ... VÁ MAIS DEVAGAR!...* e calou-se! Remetendo-se a um profundo mutismo, com os olhos semi-cerrados!...

Seguiu-se um estrondoso silêncio!...

Não querendo acreditar no que tinha ouvido, o capitão Rocha volta-se para trás e, fitando o Carvalho com tremenda curiosidade, mas - não fosse o diabo tecê-las - sempre fora do

alcance (a modos que em “jacto tenso”) do (cada vez mais provável) “vômito”... interpela-o, naquele seu tom provocador que, de resto, lhe era (e é...) tão peculiar:

- *Mas o nosso alferes pensa que “isto” é a “carreira” da Covilhã para Castelo Branco, ou quê? E, por acaso, não quer também que o senhor “chauffer” pare mesmo a seguir àquela curva, pois não?...*

Como me competia “entrei” em ajuda imediata ao meu amigo alferes Carvalho:

- *Capitão, o Carvalho está mesmo à rasca; o raio das pastilhas do enjoo não lhe fizeram efeito nenhum, afinal!...*

- *Alferes Gaspar, já não vamos ter mais “acelerações”, não é verdade? Aqui o nosso alferes já pode ficar descansado?...* Inquiri eu, procurando serenar um pouco o alferes Carvalho que já inspirava e expirava compassadamente, tentando ultrapassar o mau bocado com a oxigenação dos pulmões!...

- *Sim, sim, Meira. O pior já passou!... Daqui até PAUILA vamos fazer quase todo o percurso em linha recta, como que planando. O alferes Carvalho pode ficar descansado!* Assim falou o alferes piloto, procurando sossegá-lo, o que, a meu ver, deu os seus frutos.

[mas o capitão Rocha – está-lhe no sangue!... - tinha de, mais uma vez, meter a sua picante e “provocadora” bicada!...]

Procurando não olhar directamente para o alferes Carvalho, já que não conseguia conter o riso e, para não agravar a situação, o capitão começou a derivar ...

- *Meira, será que o doutor em vez do raio das pastilhas para o enjoo aéreo lhe deu ao alferes Carvalho as da gravidez?*

[lembrando-se das “Jornadas de Acção Psicológica” levadas a cabo na sede do Batalhão, tempos atrás, junto das jovens mães macuas e nianjas, nas quais o Martins Ferreira, conjuntamente com o Albuquerque Mendes de Unango e com o Chico Allen e restante pessoal da Enfermagem de Macaloge tiveram uma participação bastante activa e extremamente louvável e meritória!...]

- *Não!... o Zé Mário não é homem para um erro grosseiro desses!...* retorqui eu, procurando não lançar mais achas para a fogueira!...

O alferes Carvalho algo combalido, deitou um olhar furibundo de reprovação ao capitão Rocha e meneando a cabeça e apelando para todas as suas forças, conseguiu balbuciar, por entre dentes, uns monossílabos:

- *Você... você é sempre o... mesmo!... Mas,... largos dias ... têm dois anos!...* e por aqui se ficou, sem mais, o alferes Carvalho, mas com ganas de vomitar a farda tão lavadinha do capitão!...

Tínhamos entretanto encetado o caminho de regresso e já avistávamos, ao longe, uma mancha esbranquiçada que era nada mais nada menos que PAUILA!...

- *Carvalho, sossega que estamos quase a chegar!...* diz-lhe o capitão Rocha.

- *Ahnn ...Ahnn ...* murmurou o alferes Carvalho ...

Sobrevoávamos já o morro onde por vezes fazíamos guarda ao aquartelamento, de onde já conseguíamos divisar com alguma nitidez a pista e parte do branco-sujo do casario.

Á nossa esquerda víamos já o enorme charco junto ao “Rebimba o Malho” e daí a instantes estávamos sobrevoando o aquartelamento! Lá ao fundo fizemo-nos à pista, chegando ao cais de embarque pouco tempo depois!...

- *Chegámos!...* diz o alferes (piloto) Gaspar, depois de imobilizar o Dornier e de tirar os auscultadores ... *por fim em terra firme!...* e prossegue: - *afinal o alferes Carvalho, contrariamente ao que vocês levianamente aventavam, sempre conseguiu, contra ventos e marés, “ultrapassar o Rubicon”!...Dou-lhe os meus parabéns!...Mas o que custa são as três*

*primeiras vezes!... Para a próxima já não lhe vai custar tanto!...*

[o Carvalho lembrou-se então de um “dito” igual, proferido pelo major Lourenço na primeira visita que efectuou a PAUILA, logo nos primeiros meses da “Comissão”, e que, como é óbvio, provocou risada geral!...

Dizia então o nosso major, com a Companhia toda perfilada entre a messe de Oficiais e o campo de futebol: - *Rapaziada, o capitão Rocha já vos deu todas as instruções para a vossa actuação mas, como major de Operações e, principalmente como mais velho e mais experiente, solenemente vos peço: Não facilitem! Tenham sempre o máximo cuidado, pois o IN espreita em cada curva e a cada esquina!...Nunca descurem a segurança! Desejo-vos, do fundo do coração, as maiores felicidades!* E, a terminar, mais referiu, com aquele seu largo e contagiante sorriso: - *Fiquem, porém, com uma certeza: o que custam são as três primeiras “comissões”!...*]

- *Quem?... Eu?... Outra vez?... - - da-se!...*— tartamudeou o alferes Carvalho – *Abram lá a puta da portinhola!... caso contrário ainda se sujeitam a levar com umas “amostras” do almoço!...*

- *Agora, não? Era o que mais faltava!...* atira o capitão Rocha ...

– *Vá lá, vá lá!... até acabou por se portar muito bem!...* comentei eu.

Logo que sentiu aquela geringonça em terra firme e as portinholas a abrirem-se, o alferes Carvalho ganhou uma alma nova!...

Aquela malfadada e desditosa cor “amarelo-vómito” começou lentamente a dar lugar ao seu “rosado-choque” habitual, e ao seu semblante (antes carregado, pesaroso e sofrido!...) *começou a aflorar uma feição algo risonha, mais consentânea com aquela a que desde sempre (desde o 1º dia de tropa – no que a mim diz respeito!...) nos habituou!...*

Lá fora, o maralhal apinhado junto ao cais de embarque, aguardava impaciente e curioso a saída dos “veraneantes”.

Abertas as respectivas “portinholas” (e conforme – lá dentro – tínhamos combinado...) o primeiro a sair foi o alferes Carvalho que, de um salto – para “mostrar” como estava tudo OK!... - pulou do estribo da malfadada geringonça para a “terra firme” da pista de Pauila e, embora um pouco zozno, lá conseguiu (sabe Deus com que sacrifício!...) manter a verticalidade dos primatas, ao ver como era “medido” e “olhado” por um grupinho (de... más línguas!...) formado à sombra daquele abrigo alto, junto à entrada da “pista”, e do qual faziam parte os alferes: Zé Mário (médico), Araújo e Figueiredo, a quem se juntaram depois os furriéis Josefa, Matos e Quintas e (como não podia faltar!...) o 1º cabo enfermeiro Soares (o “Bocas”!).

- *Carvalho!...* chamou, curioso e “apalpando o terreno”, o Zé Mário... – *pelo que vejo, as pastilhas fizeram mesmo efeito!...*

- *És cego, ou quê?... Não está a ver?* replicou, todo compenetrado, o Carvalho ... *Ainda bem que te lembraste delas! Caso contrário, não sei o que seria!... Esta puta desta caranguejola nunca mais parou de subir e descer!... de virar à direita e à esquerda!...-- -----da-se!... Um autêntico poço da morte!.. mas não tive o mínimo problema!... O Meira e o capitão até ficaram admirados!...*

Eu e o capitão Rocha, atrás, não nos armámos em desmancha-prazeres, claro!... E elogiámos o bom e excelente (?) comportamento do “Carvalhito!”:

- *Sim senhor!...* diz o capitão Rocha... *contra o que cá em baixo deste a entender, até te portaste muito bem!... não concordas, Meira?...*

- *Sim, sim!...* *aquilo cá em baixo, em meu entender, foi tudo “fita”!...* confirmei eu... – *para a próxima já temos é um voluntário!...* disse eu, e olhei de pronto para a cara do Carvalho, que teve a mesma ideia !...

- - - *DA-SE!...* (pensámos em conjunto!...)

Chegados à nossa messe conjuntamente com os dois homens da Força Aérea, tratámos de dar de beber à dor e “enfiar” umas fresquinhas “2M”, acompanhando um aloirado queijinho da

serra que há dias tinha chegado da Metrópole, a que se seguiram os “caprichados” cafés do Costinha.

Findos os quais ... acompanhámos à pista os camaradas da Força Aérea que, depois das despedidas da praxe e de entrarem no DORNIER, arrancaram pista fora, levantando pouco depois, curvando à esquerda e tomando o rumo ao AM61 em Vila Cabral!...

À noite, após o jantar, no conforto do nosso parrot e sentindo toda aquela imensa e remansosa quietude de PAUILA, com a garrafa da “Água de Lisboa” à mão (na nossa guerra sem tréguas ao ... paludismo!...) e antes de começarmos mais um “KING”, o capitão Rocha (eterno provocador!...) vira-se para mim, sorridente, e diz:

*- Meira!... e aquele maduro que se queria atirar do avião abaixo!... E que pediu ao piloto para ir “mais devagar”!...*

Olhámos então uns para os outros e lançamos (todos ao mesmo tempo – e éramos cinco!...) uma forte e sonora gargalhada!...

O Mister Jones (o tal que só sabia dizer: Sim Senhor!...) que a essa ora se encontrava (em oração mai’lo chefe Zé, o Fernando e o Caisse) no seu “Solar”, quando ouviu tão forte manifestação de júbilo veio rondar, de longe, o nosso parrot, tentando descortinar o que se estava a passar, movimento que não passou despercebido à sentinela da “pista”.

Nessa noite, as sentinelas não o deixaram sair do arame farpado!...

Acreditem que até o alferes Carvalho estava mesmo convencido de que tinha mesmo pedido ao alferes (piloto) Gaspar... **PARA IR MAIS DEVAGAR!...**

**Antas, 27 de Novembro de 2009.**

**AMÂNDIO MEIRA**